

I

Barcelona

Envolta em escuridão. Mãos e pés atados. Uma mordança entre os dentes que abafava os gritos que queria soltar a cada segundo. Estava na mala de um carro, sabia-o. O pouco espaço e a trepidação não deixavam margem para dúvidas. Estava em pânico. O coração batia como nunca, tão rápido que parecia querer rebentar. «Não grites», exclamava uma voz dentro da cabeça. «Não grites que te podem matar. Mantém-te calma. Espera para veres para onde te estão a levar.»

Começava a ser difícil respirar. O pânico e a claustrofobia não deixavam aguentar mais. Lágrimas começavam a escorrer pela cara abaixo e do fundo da garganta saiu o grito abafado pela mordança.

— Socorro!

E outra vez.

— Socorro! Ajudem-me!

E uma vez mais, cada vez mais alto.

— Socorro! Socorro! Socorro! Ajudem-me!

Desta vez, foi audível, a música que saía do rádio do carro parou e duas vozes substituíram-na. O discurso não era inteligível, o som parecia abafado, mas eram vozes masculinas,

era indiscutível. O que diziam, isso já não dava para perceber. E o pânico voltou a subjugar o medo.

— Socorro!

Desta vez, foi suficiente. Uma travagem brusca imobilizou o carro e as vozes voltaram a ouvir-se. Agora mais alto, antecedendo o som de uma porta a abrir-se. Já se ouviam passos, passos pesados, de umas botas talvez. E o pânico, o pânico que há muito estava instalado fazia mexer as veias, os braços, os pulsos e as mãos atadas que começavam a bater contra a mala. Também as pernas, os pés, que batiam em sentido contrário. E os gritos que saíam abafados pela mordaça. O conjunto de ruídos parecia saído de um filme de terror.

Mas um ruído pior estava prestes a chegar. Sem se fazer avisar, silenciou todos os outros. O som de um punho que bateu contra a mala com toda a força.

— Pouco barulho, caralho!

A voz que proferiu aquelas palavras era forte, sem dúvida de um homem adulto. Mas isso não a intimidou. Novamente, ajudada pelo pânico que lhe corria nas veias, gritou «socorro» três vezes. Imediatamente a seguir, o homem abriu a mala.

Calou-se e observou atentamente. Era de noite e a escuridão não deixava que lhe visse a cara. A única luz vinha dos faróis traseiros, insuficiente para revelar com clareza o rosto de quem a colocara ali, mas de sobra para deixar ver a arma que estava na mão esquerda daquele estupor. Tinha uma barba grande, isso conseguia ver. Estava vestido de preto, calças e casaco de fecho com capuz, que também ajudavam a esconder a identidade. Porém, poucos segundos mais teve para o observar. De repente, já só via o canhão da arma a centímetros dos seus olhos.

— Grita agora. Vá lá, grita. Grita e rebento-te essa linda cabeça. Seria uma pena, tens uma cara tão bonita... Não me apetece passar o dia de amanhã a limpar os teus miolos dos

estofos da mala. Vieste tão calada nas últimas três horas, não estragues tudo quando estamos quase a chegar.

Tentou perguntar para onde a levavam, mas a língua batia na mordança e as palavras saíam enroladas. O homem soltou uma gargalhada e encostou-lhe o cano da arma à boca.

— Se queres saber para onde vamos, não te posso dizer. E não me faças dizer-te que esta situação não passa de uma partida, porque seria mentira. Queres saber o quê? Se foste raptada? Foste. Se é por dinheiro? Sim. Se vamos exigir um resgate à tua família? Não. Há outros planos. Percebe apenas que a tua vida não é insubstituível, seria apenas uma pena se tivesse de acabar com ela aqui. Não te preocupes, terás todas as respostas em breve, falta uma hora para o destino. Até lá, faz o que quiseres: chora, esperneia, reza, até. Não me faças é parar o carro novamente.

Incrédula com aquele discurso surreal, mas tão credível que lhe paralisou os músculos abaixo do pescoço, mexeu a cabeça em sinal de concordância. Sem um único som, sem um único movimento além daquele, prometeu o silêncio que lhe era extorquido. E de seguida a porta da mala fechou-se, depois a do condutor, e logo voltou a trepidação do movimento. Estavam de volta à estrada.

A luz que passava pelas brechas dizia-lhe que estava a amanhecer. O para-arranca ocasional deixava perceber que foram atravessando vilas ou cidades. Apenas o tempo era imperceptível. Podiam ter passado minutos, pareceram horas. Podiam ter passado horas, pareceram dias. A viagem acabou à porta de uma casa solitária numa grande propriedade agrícola, onde não se ouvia um som que não fosse provocado pela natureza. Foi lá que abriram a mala novamente e a deixaram sair. Sem os olhos vendados, não havia necessidade disso. Tudo o que era visível não interessava: terra, plantas e árvores. Nada daquilo deixava saber onde estavam, nada servia para pedir ajuda.

Foi o homem de barba quem a tirou da mala. Agora, com a luz do dia, tinha finalmente rosto. Nada de anormal: olhos castanhos, nariz robusto, pele morena. O cabelo também não tinha nada que o destacasse, era curto, como se tivesse sido cortado de forma uniforme com um pente 2 ou 3. Não o reconheceu. Depois de olhar em volta, viu, junto à porta do pendura, o outro homem. O dono da segunda voz que foi ouvindo durante a viagem. Era quase o oposto daquele que lhe ia cortando as amarras das mãos e dos pés e que a avisava para se manter quieta e não tentar fugir. Era loiro, cabelo pelos ombros, de olhos azuis e pele mais clara. Não tinha barba, ao contrário do outro, e não parecia português. Vestia calças escuras e casaco preto de fecho, tal como o colega.

— Queres uma fotografia? — perguntou em resposta ao olhar fixo dela.

Imediatamente, a jovem baixou a cabeça.

— Anda! — ordenou o homem de barba. — Segue para dentro.

— Para a casa? — perguntou a medo.

— Claro que é para a casa.

— O que me vão fazer?

— Anda e cala-te, mulher. Anda! — ordenou.

A jovem não conseguiu conter as lágrimas e passou a suplicar.

— Por favor, o que me vão fazer? Querem dinheiro? Consigo arranjar-vos dinheiro. O que querem de mim? Vão matar-me?

Enquanto falava, continuava a ser empurrada pelo homem que a soltara. O homem loiro seguia lado a lado, já de arma na mão, esboçou um sorriso cínico assim que ouviu aquelas perguntas, mas escolheu permanecer calado. Quem respondeu foi o homem da barba.

— Miúda, se quiséssemos matar-te, tínhamo-lo feito logo. Temos outros planos para ti.

A jovem parou novamente. Começaram a chegar-lhe à cabeça imagens daqueles homens a agarrá-la e a tocarem-lhe perversamente. Seria esse o motivo? Havia sido por isso que a trouxeram ali? Para uma casa no meio do nada, sem ninguém em redor que pudesse ouvir os seus pedidos de ajuda e gritos de sofrimento? Enquanto pensava naqueles horríveis cenários apercebeu-se de outra coisa. Ambos estavam de caras destapadas, não temiam que fossem identificados. O que significava isso? Que ia ser morta depois de a usarem? Que ia ficar presa ali?

O pânico começou a instalar-se novamente no corpo. Começou a tremer e a pensar em correr, mas ao primeiro movimento levou um encontrão, desta vez do homem loiro. Pediu-lhe que avançasse.

— Porta-te bem e nada de mal te acontece — sussurrou junto ao ouvido dela.

Fechou os olhos, tentou acalmar-se e decidiu entrar. Entre os dois homens, pé ante pé, subiu vagarosamente os quatro degraus que antecediam a porta. Inspirou fundo, expirou, e deu o último passo. Obedeceu a um último gesto do homem e abriu a porta.

Entrou diretamente para uma grande sala e imediatamente percorreu tudo com os olhos. Tudo ali parecia antiquado: as paredes forradas de madeira e o chão ainda com alcatifa. Castanha, gasta, suja. A meio do teto estava um enorme candeeiro de vidro. Descaído e cheio de pó. A mesa de jantar à sua frente e as cadeiras também já tinham visto melhores dias, fosse pela limpeza ou conservação. Ao fundo da sala estava uma escadaria em caracol de ligação ao andar de cima, também de madeira. Mas o que lhe saltou à vista foi outra coisa. Duas coisas. Dois sofás de pele que se viam num outro canto. Dois sofás de três lugares, de frente um para o outro, separados por uma mesa de café de vidro e uma lareira acesa.

Neles estavam sentados mais quatro homens, dois em cada sofá, que interromperam um jogo de cartas para a fixarem. Olharam-na de alto a baixo, descaradamente. Sem um pingão de cortesia, sem disfarçar o desejo. Miraram-lhe a cara, os olhos e os cabelos primeiro, depois as pernas e o peito. Segundos que a enojaram.

Apesar de aparentarem idades semelhantes, entre os trinta e os quarenta anos, e de estarem praticamente vestidos da mesma forma que os dois homens que a acompanharam, cada um destacava-se individualmente. Havia um claramente mais magro que todos eles, de cabelo curto e pera. Estava sentado no mesmo sofá que um outro bastante mais gordo que todos. Os outros dois sentados em frente tinham bastantes semelhanças físicas, talvez fossem irmãos ou primos. Eram ambos muito morenos, tinham ombros e braços robustos e cabelos muito curtos, mas um tinha uma barba farta e vários *piercings* nas orelhas, que o destacavam entre os quatro.

Murmuraram entre eles e voltaram ao jogo.

— Então, não estão impressionados? — perguntou o homem de barba enquanto se aproximava dos quatro.

— É bonita. Nada demais... — respondeu o homem mais magro.

— Trouxe o que me pediram. Tem um visual mais tradicional, há quem goste — insistiu o homem de barba.

Não obteve qualquer reação, mas os homens não retomaram o jogo, continuavam a observá-la. O ambiente era um tanto tenso, não parecia existir um clima de amizade entre aqueles indivíduos. A jovem estava cada vez mais assustada e enojada por estar a ser tratada como um objeto, um pedaço de carne.

— É perfeita! — exclamou uma voz feminina vinda do cimo das escadas.

Aquela frase fez os quatro homens levantarem-se subitamente. Os outros dois voltaram a aproximar-se da jovem, adotando uma postura séria. A voz pertencia a uma mulher que aparentava cerca de cinquenta anos, com olhos e cabelos castanhos e pele morena. Era magra e tinha vestidas calças de ganga e uma *T-shirt* verde, decotada, que lhe realçava o peito. Claramente tinha alguma influência sobre todos aqueles homens.

— *Chicos! Chicos!* Muito bem — acrescentou a mulher enquanto descia as escadas.

A jovem deu um passo atrás, mas quando tentou dar outro foi travada pelo homem de barba, que lhe agarrou o braço esquerdo. A mulher que surgira há momentos reagiu negativamente e com apenas um gesto com a mão fez com que o homem voltasse a soltá-la. Em seguida, dirigiu-se até à jovem e agarrou-lhe a mão direita gentilmente. Sorriu-lhe e com a outra acariciou-lhe o cabelo.

— Como te chamas, querida? — perguntou a mulher.

A jovem não respondeu.

— Não tenhas medo. Ninguém te faz mal.

— Eliana — respondeu a jovem baixinho.

— Que nome bonito. É diferente, como o meu. *Soy Esmeralda*, mas eles gostam de me chamar madrinha. É um sinal de respeito, sou mais velha do que qualquer um deles! — disse, antes de soltar uma gargalhada.

A jovem aproveitou o riso para recuperar a mão, que a mulher ainda segurava. Estava confusa pela mudança súbita de tom, pela tentativa de criar um ambiente positivo, por parte daquela mulher, que, apesar de intercalar algumas palavras em espanhol, era claramente portuguesa e com um forte sotaque do Norte.

— Estás assustada, percebo. Tudo vai fazer sentido não tarda. *No te preocupes*. Ninguém te vai fazer mal. Pelo contrário, só

queremos o teu bem-estar físico e emocional. Vem comigo — disse, antes de apontar para as escadas. — Vamos conversar lá em cima. Longe de todos estes homens.

Eliana não entendia o que estava a acontecer. Sabia que não podia confiar naquela mulher, mas, por outro lado, queria acreditar que estaria mais segura com ela do que com aquele grupo de homens. Alguns ainda não tinham parado de a fixar. Decidiu, por isso, avançar. Aceitou a mão estendida de Esmeralda e, juntas, subiram para o andar seguinte.

Logo ao cimo das escadas, via-se todo o piso superior. Estava de frente para um corredor com uma janela ao fundo e quatro portas laterais, quase simetricamente de frente umas para as outras. Três delas estavam fechadas, a primeira do lado direito estava entreaberta, era a entrada de uma casa de banho pequena.

— Já te deixo ir tomar banho, se quiseres — disse Esmeralda. — Primeiro, vamos conversar.

A mulher abriu a porta seguinte, do mesmo lado do corredor, e fez-lhe sinal para entrar.

— Por aqui. Sem medos — disse com um grande sorriso.

Entraram. A divisão era um quarto pequeno com uma única janela e que estava mobilado apenas com cama de casal, duas mesas de cabeceira e uma cómoda. Não tinha muito espaço livre e estava um pouco desarrumado. Junto à porta estava um varão portátil com vários vestidos pendurados e no chão havia vários pares de sapatos de salto alto, de cores vivas e a brilhar. Eliana não teve muito tempo para observar e, alguns segundos depois de entrarem, a mulher fez-lhe sinal para que se sentasse na cama, pedido a que a jovem obedeceu prontamente.

Foi nesse momento que a expressão facial da mulher mudou subitamente. O sorriso claramente exagerado e forçado desapareceu e deu lugar a uma cara séria.

— Bom, vamos deixar-nos de rodeios. Trouxeram-te para aqui por uma razão, apenas uma: és uma jovem muito especial.

A jovem continuou em silêncio.

— Para começar, és portuguesa — continuou Esmeralda, antes de bater com a mão no peito. — Não é, como vais perceber, uma nacionalidade que costumemos ter por aqui...

— O que é «aqui» exatamente? Que casa é esta? Onde estamos? — interrompeu Eliana.

A mulher aproximou-se da janela, antes de responder.

— Chamamos a este lugar «primeira casa» — disse de olhos postos lá fora. — Como o nome indica, é um sítio de transição, não é o destino final. Se tens mesmo de saber, estamos nos arredores de Madrid.

— Por que razão estou aqui? O que querem de mim! — exclamou a jovem.

A mulher permaneceu imóvel e não respondeu imediatamente. A pulsação de Eliana acelerou e as emoções voltaram a tomar conta do corpo. Estava já à beira das lágrimas, quando a mulher continuou, desta vez ainda num tom mais rude. A expressão que mantinha, e que a jovem apenas via pela metade, revelava uma frieza impressionante.

— Estás a começar a soluçar. É por isto que não temos muitas portuguesas. Somos um tanto... piegas... — disse antes de um suspiro. — Enfim, para quê esconder mais? O grupo ao qual pertença presta um serviço muito específico a um homem muito importante, vais ter o prazer de o conhecer dentro de algumas horas. A nossa função é simples: encontrar jovens bonitas que possam dançar em bares virados para o público adulto. Trazemo-las até aqui e ele escolhe qual o seu destino final, os locais onde vão trabalhar. São pagas para isso, claro.

— Bares de adultos?

— Sim. Não sabes o que são? As meninas só têm de dançar em salas de convívio, por vezes fazer uns *strips*. Claro que

ocasionalmente há clientes que pagam mais por umas danças privadas, às vezes algo mais, mas esses detalhes não são importantes neste momento.

— Raptaram-me para me transformarem numa puta?! — disse a jovem, incrédula e em lágrimas.

— Que palavra tão feia, minha querida. Que conotação tão negativa. Eu própria já dancei. Também comecei por baixo e tenho algum orgulho nisso. Distraí muitos homens dos seus problemas e, acredita, fui bem recompensada por isso. E tu também serás.

— Isto só pode ser uma brincadeira... Não quero nada disso!

— Ouve, querida. O que nós queremos é simples. Tens vinte e um ou vinte e dois anos, certo? Queremos que durante, digamos, cinco anos trabalhes numa casa destas. Damos-te tudo o que quiseres: roupas, comida, cigarros, álcool, é só pedires. Depois de um período de adaptação, podes começar a sair com outras raparigas, podes ir às compras, podes escolher joias, vestidos, *lingerie*, tudo o que quiseres. Depois dos cinco anos, que, normalmente, é a altura em que ou o teu corpo já não é o mesmo ou quando já estás farta e passas a querer juntar-te a nós, começas a ter uma vida de luxo. Passas ao nível acima, como eu, e a ganhar milhares de euros, que um dia vais poder gastar livremente naquilo que quiseres. Uma casa de sonho, carros topo de gama, tudo num sítio que escolheres, um destino paradisíaco longe de Portugal ou Espanha, como pretendo fazer um dia. A única condicionante, claro, é que não podes contactar ninguém da tua vida antes disto. Família, amigos, namorado. Esquece. Todos eles desapareceram, assim como tu desapareceste para eles.

— Eu não quero nada disso. Nem me vou prostituir! Não quero deixar o meu país, a minha família para trabalhar convosco. Que nojo! E acha mesmo que podem fazer-me isto?

A esta altura já deve estar meio mundo a procurar-me. A minha família, o meu namorado... Em pleno século vinte e um, acham que podem raptar-me assim? Basta meterem a minha fotografia a circular na Internet e alguém vai ver-me! Seja em Espanha ou na China! Alguém vai reconhecer-me e todos vão acabar presos. Tráfico humano é um crime suficientemente grave para só voltarem a sair da prisão com cabelos brancos!

Esmeralda soltou uma grande gargalhada.

— Todas acham que podem contar com a família, com a Polícia para vos resgatar. Achas que somos amadores? Desde que foste escolhida que estava tudo pensado. Nada disto é irrefletido. Há planos, regras. Ninguém te vai procurar. Acredita. Não tenho de estar a explicar-te nada, digo-te apenas que para a tua família tu não desapareceste esta noite, tu morreste esta noite. Ninguém procura uma morta. Ninguém coloca fotografias de mortas na Internet. Não existes mais; logo, ninguém te vai procurar.

A jovem ficou imóvel. Sem reação. Sentiu um arrepio a atravessar-lhe todo o corpo. Se tivesse uma pequena esperança de que tudo ainda podia acabar bem, praticamente desapareceu. O que estava a acontecer? Estava morta para a família? Deram-na como morta? Não entendia. Não queria acreditar no que estava a acontecer, no que poderia vir a ser a sua vida. Em pânico, decidiu que não podia continuar ali. Levantou-se da cama e tentou fugir. Correu em direção à porta e abriu-a. Esmeralda não se mexeu um centímetro.

Do outro lado da porta estava o mesmo homem que a transportara até ali. Estava virado para ela, como se já esperasse que ela fosse tentar escapar. Naturalmente, impediu-a de passar. A jovem deu dois passos para trás e começou a correr na direção de Esmeralda para a atacar. A mulher precaveu-se e deu-lhe um forte pontapé na barriga e um soco na cara que atirou a jovem para o chão. Deu-lhe mais uns quantos

pontapés nas costas, no abdómen e onde a apanhava, apenas com o cuidado de não a atingir na cabeça. De seguida, foi até à cómoda e retirou uma capa de papel com várias folhas lá dentro. A primeira parecia um currículo, tinha uma fotografia de Eliana e várias informações ao lado e em baixo. Com a capa na mão, Esmeralda baixou-se, agarrou Eliana pelos cabelos e fê-la olhar para o papel.

— Achavas mesmo que tinhas escolha? Vais fazer tudo o que quisermos. Sabemos tudo sobre ti. Olha para isto. Vá, olha! Lê! Está tudo aí! Chamas-te Eliana Monteiro. Tens vinte e dois anos, és estudante e moras na Covilhã. Tens uma irmã. O teu pai chama-se Manuel Monteiro, é o dono da fábrica têxtil MM. A tua mãe, Isabel, é contabilista, mas dedicava-se maioritariamente à gestão da fábrica. O teu namorado, Henrique, é de Coimbra e mudou-se para a Covilhã para estudar. Escapou-me alguma coisa? Como vês, sabemos tudo sobre ti.

A jovem fechou os olhos e as lágrimas começaram a escorrer-lhe pela cara abaixo. Esmeralda continuava implacável.

— Não vais conseguir fugir. Não vais conseguir contactar ninguém da tua família. Mesmo que o conseguisses fazer, não terias coragem para isso. Porquê? Porque assim que os contactares, eles morrem. Como vês, sabemos quem são e onde estão. Aceita isto, quanto mais cedo, melhor. Foste escolhida para este trabalho, não tens outra hipótese. Se há alguma razão em especial? Não. Passamos por várias cidades e procuramos jovens bonitas. Andávamos à procura de uma com um aspeto mais neutro, comum, se quiseres. Tiveste azar. Agora, vais trabalhar, vais dançar, vais servir às mesas, vais foder quantos homens te indicarem. Tens anos disto pela frente! Se tiveres sorte, uns cinco, é mais ou menos o prazo do teu lindo corpinho. Vais perceber depois. No fim, dependendo de como estiveres, se quiseres juntar-te a nós, terás uma vida

melhor, não te vai faltar nada e vais olhar para isto como uma oportunidade. Se continuares a achar que tens de voltar para a tua família, há várias possibilidades: eliminamos-te e aos teus mais próximos, sem deixar vestígios, ou fazemos-te continuar a trabalhar por tempo indeterminado. Se achares que és boa demais e que preferes morrer, como algumas já acharam, e tentares acabar com a tua vida, *okay*, estás no teu direito. Até te dou a faca para cortares os pulsos. No entanto, morres com a certeza de que a forma que escolheres para sair deste mundo será a mesma que os homens que viste lá em baixo vão usar para matar todos os que amas.

A mulher largou-lhe os cabelos e ergueu-se. De seguida, foi até ao varão dos vestidos e começou a passá-los um a um. Escolheu um preto, curto e decotado, bastante revelador. Atirou-o para cima da cama. De seguida, saiu do quarto, atravessou o curto corredor e abriu a porta em frente. Do outro lado, estavam mais seis mulheres, sentadas em cadeiras expostas num semicírculo, de frente umas para as outras. Deixou a porta aberta e regressou para junto de Eliana. Voltou a agarrar-lhe os cabelos e virou-lhe a cabeça para a porta, para que fosse capaz de ver todas as outras.

— Todas elas são como tu. Todas elas foram escolhidas, como tu, todas elas vão para uma casa, como tu. Elas já aceitaram, preferiram cumprir a saber que causaram a morte a todos os que gostam. Vês como estão vestidas? Arranjadas? Estão preparadas para receber o nosso cliente. Tu podes escolher também o que queres fazer. Vou deixar-te neste quarto, sem saída, com um homem à porta e outro do lado de fora da casa a observar a tua janela, caso te queiras atirar. Podes aceitar tudo, vestir o que te deixei em cima da cama para conheceres o nosso amigo, daqui a pouco, fazer uma escolha estúpida como tentar fugir ou... tu sabes. A decisão é tua.